

## EDUCATIVOS DOS ESPAÇOS EXPOSITIVOS UMA UTOPIA

Teresinha Maria de Castro Vilela - UFPB

Lívia Marques Carvalho – UFPB

### Resumo

Este artigo apresenta como referência a relação entre arte e público. Tendo como foco as ações dos programas educativos dos espaços expositivos, tema que se faz presente nas últimas décadas em publicações, discussões e pesquisas. Estes pontos fazem parte da pesquisa em andamento no Programa Associado de Pós-Graduação - Mestrado de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco. Para esse estudo optamos pela pesquisa bibliográfica. No alicerce das interrogativas propostas, está a importância das ações dos projetos educativos dos espaços expositivos para o público que visita as exposições de artes.

**Palavras-chave:** artes visuais; programa educativo; espaço expositivo.

### Resumen

*Este artículo presenta cómo la relación de referencia entre el arte y el público. Centrándose en las acciones de los programas educativos de los espacios expositivos, un tema que está presente en las últimas décadas en publicaciones, debates y la investigación. Estos puntos forman parte de la investigación en curso en el Programa de Asociados de Posgrado - Maestría en Artes Visuales en la Universidad Federal de Paraíba y Pernambuco de la Universidad Federal. Para este estudio se escogió la literatura. En la base de los interrogatorios propuestos es la importancia de las acciones de los proyectos educativos de los espacios de exposición para el público que visita las exposiciones de arte.*

**Palabras clave:** artes visuales; los programas educativos; espacio de exposición

### Introdução:

*O museu ideal e utópico, para mim, é o museu que se tornasse tão vital e importante para as pessoas que elas passariam a ter com ele uma relação tão essencial e cotidiana como se entrassem em um supermercado, em uma farmácia ou em um cinema. (GROSSMANN, 2011, p.142)*

Por compartilhar do pensamento de Grossmann, entendendo às visitas aos espaços expositivos como “frequentação” é que propomos aqui algumas reflexões. Uma delas é investigar se as ações dos projetos educativos dos espaços expositivos são significativas para formação do público.

No Brasil, recentemente observamos um crescimento das ações educativas que vem ocorrendo em espaços expositivos, visto que entendemos estes espaços como galerias, centros culturais, espaço urbano, museus entre outros.

Deste modo, apresentamos para esse estudo algumas questões, que permeiam os programas educativos dos espaços expositivos, de modo a contribuir para a discussão desse tema, que nos últimos anos, tem estado presente em diversas reuniões científicas e publicações, principalmente no campo das Artes, da Museologia, da Educação, da Cultura entre outros campos.

### **Projetos Educativos dos Espaços Expositivos**

De acordo com BARBOSA (1996), *Victoria and Albert Museum*, localizado em Londres, teria sido o primeiro espaço a considerar a função de arte-educador, em 1852. Era comum, desde o século XVII, a inserção dos museus em instituições de ensino, como era o caso, do *Victoria à South Kensington School*. Quanto à importância do arte-educador, a autora ainda destaca, que para este museu: “Curadores, conservadores e arte-educadores eram igualmente considerados”. (1996, p.84-85)

Nos Estados Unidos, de acordo com a autora ocorre a inclusão da arte educação em 1872, em Nova York, no *Metropolitan Museum*. Seguidos do Museu de Toledo, em 1903 e *Cleveland Museum*, em 1915.

A mesma autora acrescenta, ainda, que o Museu de Arte Moderna de Nova York (MOMA), fundado em 1929, preocupava-se com a compreensão da arte moderna, para um público não tão “familiarizado”. Destaca o incentivo da democratização dos museus a partir das ações de Victor D’Amico e Thomas Munro, influenciados por John Dewey, que também veremos detalhadamente, a seguir no Brasil com a proposta dos “Domingos da Criação”.

No Brasil, Rita Bredariolli,(2008), apresenta como experiência inicial o Museu de Arte de São Paulo, inaugurado em 1947. A autora destaca a uma série de ações educativas, inclusive um curso de preparação de monitores para dar informações ao público antes da abertura deste espaço.

Convém ainda lembrar que BARBOSA (2008, p. 17), enfatiza que os serviços educativos, em museus do Rio de Janeiro, iniciaram, nos anos de 1950, com Ecylla Castanheira Brandão e Sígrid Porto de Barros. Sobre este período: “dominado pelo modernismo, a criação de ateliês livres, oficinas [...] ou atividades de animação cultural foi prática frequente nos grandes museus como o MAM do Rio”.

No Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM, na década de 1970, aconteciam os “Domingos da Criação” que, segundo Frederico Moraes (1982, p.44), buscavam uma nova concepção de museu, tendo o artista como propositor, objetivando a participação do público com o intuito de criar “Novas relações sociais dentro da arte. O papel do público.” Tornando-o parte do processo criador.

No mesmo período, Frederico Moraes (1982, p.42) realiza uma pesquisa feita “através da Unidade Experimental do MAM”, tendo como foco conhecer o público que visitava o museu. Os frequentadores foram entrevistados e buscou-se traçar o perfil deste visitante, contando com as questões sobre: gênero, faixa etária, formação, localidade dos visitantes, profissão entre outros. E Frederico Moraes já ressaltava, sobre a importância da análise dos dados desta pesquisa para definir a programação do museu.

Por outro lado, observamos que na década de 1960 surgem pesquisas buscando conhecer o perfil dos frequentadores dos museus nos Estados Unidos e na Europa, em que apresentam dados estatísticos e conclusões importantes.

A publicação de Pierre Bourdieu e Alain Darbel, em 1966, apresenta resultados de uma pesquisa feita na Europa e denuncia que os museus, que deveriam ser espaços de democratização ao acesso às artes, ao contrário, contribuem para agravar a separação entre dominantes e dominados. A partir destas entre outras pesquisas, as gestões dos museus iniciam um trabalho focando as necessidades pedagógicas dos públicos. Pierre Bourdieu, que é considerado (HEINICH, 2008), o principal iniciador da pesquisa estatística, afirma que, na França “a influência da Escola é determinante [...] Que as crianças originárias dos meios desfavorecidos não visitam museus a não ser por intermédio da Escola”. BOURDIEU (2007, p.98)

Mais um dado que consideramos importante para nossa reflexão: ao final dos anos de 1980, foi cogitado o fechamento dos espaços expositivos, devido à falta de

público e fomento. Diante deste fato, Gabriela Wilder (2009, p.102) destaca que houve uma forte influência dos organismos internacionais, e das pesquisas como citamos acima, para que as mudanças da relação museu/público fossem se estruturando com o objetivo de “aumentar o número de visitantes, tornar visitas a museus mais populares, ou seja, trazer novos grupos sociais para dentro dos museus”.

Regina Batista (2008, p.20) também acompanha este pensamento. A autora destaca que: “Muito recentemente, os museus adotaram uma política de exposições bastante agressiva como forma de captação de recursos financeiros e até de sobrevivência.” e que estes se tornaram dependentes dos patrocinadores, dos quais exigem dos espaços uma estatística elevada de público.

Desta forma, os espaços expositivos investiram nos programas educativos oferecendo (COUTINHO, 2010), atividades para diversos públicos, entre eles, leigos, educadores e especialistas. Algumas ações oferecidas pelos programas educativos fazem parte deste investimento como material impresso, mídias; transporte; seminários; espaço para realizar atividades específicas com o público denominadas salas de arte, oficinas, laboratórios entre outros.

Além dos encontros que são organizados geralmente mensalmente, tendo como público alvo, educadores de espaços formais e não formais. Na maioria das vezes, a temática do encontro está associada à exposição que ocorre paralelamente ou pode anteceder alguma exposição. Estas são apenas algumas das ações que começaram a fazer parte dos espaços expositivos, localizados principalmente nas cidades de grande e médio porte.

Deste ponto de vista, Teresinha Franz (2008) destaca que tais ações são importantes quando comprometidas com um “projeto didático com formação de mediadores, preparação de materiais e, geralmente, com amplo apoio à formação de professores”; - aqui acrescentamos para nossa temática, educadores de outros espaços também. Contribuindo para que as visitas às exposições façam parte de um “planejamento cuidadoso de complexos processos de estudo e pesquisa” envolvendo “públicos de todas as idades, mediadores, artistas e outros especialistas da área de Artes Visuais”.

## A Temática na Academia e em Publicações

Nos últimos anos, observamos uma série de pesquisas realizadas na Academia, tendo como foco museu e público. Entre estes, podemos destacar: A dissertação “*Pesquisa de público em museus e instituições abertas a visitação, fundamentos e metodologias*”<sup>1</sup>, de 1989, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-ECO).

A tese “*Rela o es arte, artista e grande público: a prática est tico-educativa numa obra aberta*”<sup>2</sup>, de 2001 na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Outra tese, “*As artes visuais do século XX como compreensão e exercício da diversidade: a missão do museu de arte no trabalho de inclusão cultural*”<sup>3</sup> defendida em 2004, na Escola de Comunica o es e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

De uma forma geral, estas pesquisas buscam justamente questionar a rela o o entre os espaços expositivos e público, de maneira a colaborar para a acessibilidade cultural. Tema que faz parte da pauta da representa o o da UNESCO (Organiza o o das Na o es Unidas para a Educa o o, a Ciência e a Cultura) no Brasil, e mostra que as a o es até então não foram suficientes para “reduzir o quadro de **desigualdades no acesso   produ o o cultural**” e continua que “  fundamental cuidar para que, ao contrário, o crescimento econ mico não faça com que tais desigualdades sejam ainda mais exacerbadas”.<sup>4</sup>

Muitas são as pesquisas em andamento, como por exemplo, as do Curso do Mestrado em Artes Visuais, que   um curso recente oferecido pelo Programa Associado de Pós-Gradua o o em Artes Visuais entre a Universidade Federal da Para iba/UFPB e a Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, com três pesquisas. O “*Ensino de Artes Visuais e Espaços Expositivos: limites e possibilidades nas escolas públicas*”<sup>5</sup>, que investiga quais os possíveis entraves que dificultam o acesso das escolas públicas de Cabedelo (PB) aos espaços expositivos de João Pessoa (PB), na perspectiva dos dois, tanto do espaço formal como não formal. A “*Media o o Cultural no Cariri Cearense: Um Estudo de Caso*”<sup>6</sup> que além de outras questões sobre media o o cultural, a pesquisa aborda as dos mediadores culturais. “*A performance artística e sua inser o o nos espaços institucionais da cidade de Recife*”<sup>7</sup>,   sobre a Performance Artística em Recife (PE), em que as performances

serão investigadas a partir dos salões e agendas de exposições dos museus da cidade que trabalham com arte contemporânea.

Quanto às publicações, a do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) de São Paulo, teve como objetivo conhecer a recepção dos professores de artes aos materiais educativos das exposições - pesquisa que foi realizada por um período de dois anos - ao finalizar resultou na publicação editada em 2005, do livro “Artes Visuais da Exposição à sala de aula”.

O exemplar “Museu, Educação e Cultura: encontros de crianças e professores com a arte” contém 11 artigos, entre pesquisas e depoimentos, que sintetizando trazem vários conceitos e experiências sobre as inter-relações entre espaços expositivos, educação e cultura. Com sua primeira edição em 2005.

Outra publicação, “Arte/Educação como mediação cultural e social”, de 2009, teve como tema a mediação; reunindo um total de 21 artigos, é a compilação dos textos apresentados no Seminário Internacional sobre Mediação Cultural e Social, que aconteceu em São Paulo, em 2004. Outro encontro internacional com o mesmo tema aconteceu no Rio de Janeiro, em 2008, podendo surgir ainda outra edição.

A série de Cadernos de textos intitulada Diálogos entre Arte e Público, da Fundação de Cultura da cidade de Recife, apresenta 30 artigos, que abordam o tema, na publicação de 2008.

Os Grupos de Pesquisa fazem parte destas nossas exemplificações, como o *Ensino da arte em espaços não-formais*, da Universidade Federal da Paraíba /UFPB, o grupo de pesquisa *Mediação: arte/cultura/público* da Universidade Estadual Paulista /UNESP, entre outros.

### **O Programa Educativo e a Arte na Contemporaneidade**

Para este tópico, apresentaremos um dos pontos das transformações ocorridas nos últimos anos e escolhemos para exemplificar uma exposição, pois o questionamento que fazemos é qual a importância das ações dos projetos educativos dos espaços expositivos para o público que visita uma exposição de arte, mais especificamente aqui, as de arte contemporânea.

Entre os outros pontos, destacamos a ideia de tempo linear que é quebrado, as demarcações, sendo assim, algumas propostas não são “entendidas” na contemporaneidade, pois “o tempo integral sem passado, nem futuro, valoriza o estado presente como campo de idéias e sensações. O tempo da arte é aquele ditado pelo diálogo entre a obra e o espectador”. (AMBIENTES..., 2009, p.6).

Desta forma, o trabalho de Kilian Glasner intitulado *Reflexões*, exibida no festival de música, *No Ar - Coquetel Molotov* (setembro de 2008), em que o artista dispôs os elementos num jogo de cena em que o tempo interagia com o espaço e estes, em simultaneidade, com os elementos plásticos e as simulações próprias da cybercultura, provocaram no público um profundo envolvimento. Assim, Diana Moura descreve:

Os primeiros sons do festival No Ar Coquetel Molotov vieram da instalação audiovisual *Reflexões*, do artista plástico Kilian Glasner, que transformou a abertura do evento em algo impactante. O trabalho – uma segunda versão da obra que Kilian montou em Paris, para a obtenção do título de mestre em Artes Plásticas – mistura uma trilha sonora carregada de efeitos e ruídos, uma série de desenhos construídos com fita reflexiva (aquela usada para sinalização do trânsito) e um objeto de arte.

Na instalação, o público é convidado a reviver um acidente de carro presenciado por Kilian. Imagens e sons remetem ao episódio. Dentro de um ‘cubo preto’, o espectador é convidado a caminhar no escuro, com uma lanterna, visualizando os desenhos aos poucos e recriando a cena.

A obra de Kilian se insere no que se convencionou chamar de Arte Interativa. De certa maneira, toda obra de arte contém, em si, algum grau de interatividade com o espectador, uma vez que, mesmo o receptor passivo é tocado pela ambiência da arte. No entanto, devemos diferenciar a interação contemplativa, da interatividade inerente às novas mídias com as quais, alguns artistas contemporâneos, como Kilian Glasner, se expressam.

Portanto, cabe aqui, ressaltar a importância das ações dos programas educativos, para colaborar com o diálogo entre arte e público, com a presença do mediador cultural, da formação dos educadores e dos materiais, que é sobre o que vamos tratar mais especificamente a seguir.

### **Material do Programa Educativo**

Para acompanhar as reflexões sobre os Programas Educativos, entendemos o material do programa educativo como um dos pontos principais para corroborar nas inter-relações, como sendo um encontro entre visitante, mediador e objetos (CASANOVA, 2009). Então, escolhemos o conceito de Redes da Criação associado

a um material oferecido pelo Programa Educativo do Paço Imperial, localizado no Centro do Rio de Janeiro.

O conceito de criação como rede - em que a obra é um processo em construção - é apresentado por Cecilia Salles (2008, p.59). O produto em construção é um sistema aberto que troca informações, é processual e inacabado, ou seja: “A criação é, sob esse ponto de vista, um projeto que está sempre em estado de construção.” A autora ainda afirma que para os críticos do processo, o que importa não são os relatos “das ações do artista, mas chegar, o mais próximo possível, dos procedimentos geradores dessas ações”. (ibid, p. 119).

Desta forma, a crítica de processo na arte é apresentada como de fundamental importância para se discutir questões que sempre estiveram presente na arte. Ou seja, esta crítica pretende atuar, principalmente, como um facilitador para o diálogo entre espaço expositivo e público na contemporaneidade.

Dentro desta compreensão, é que acreditamos que as redes da criação podem colaborar. E para ilustrar este pensamento destacamos em Salles:

Na exposição *Henry Moore: uma retrospectiva* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2005) foi instigante ver que muitas das pedras e ossos coletados pelo artista, cujas formas o atraíram, foram guardadas e desenhadas, e depois passaram pelas gravuras, como “idéias para esculturas”. Essas gravuras/anotações chegam às esculturas na abstração da cavidade (do côncavo), afastando-se dos objetos coletados. (2006, p.112)

Este pensamento também foi observado no material que o setor educativo preparou para os educadores para exposição *Henry Moore: uma retrospectiva*, que aconteceu no Paço Imperial, em 2005. Foi distribuído aos educadores, um envelope que continha três reproduções coloridas das esculturas de Moore (tamanho 42 cm x 29,7cm), e que apresentava no verso propostas para atividades, com o título *Leitura de Imagem – Henry Moore*.

Uma destas propostas consiste - numa preparação que preceda a leitura de uma imagem - e sugere que o educador com seu grupo colem e/ou desenhem pequenas pedras, sementes entre outros. E que o professor conte após a atividade que o próprio Moore mantinha este tipo de coleção. Afirmação feita pelo próprio artista no texto que faz parte deste material:



Tudo, cada configuração, cada pedaço de forma natural, animais, pessoas, seixos, conchas, qualquer coisa da qual você goste, são todos objetos que podem auxiliá-lo a fazer uma escultura. Eu coleciono estranhos pedaços de madeira devolvidos pela maré – qualquer coisa que ache com uma forma que me interesse – e os mantenho por perto naquele pequeno estúdio, assim se algum dia eu entro lá por 5 a 10 minutos, naquele pequeno quarto haverá alguma coisa que eu possa pegar ou olhar que vai me dar um princípio para uma nova idéia. (JAMES, Philip, 1992, p.62 apud LEITURA..., 2005).

Deste prisma, vemos de fundamental importância, tanto conhecer os processos de criação do artista, como aproximar estes processos da experiência dos educadores e educandos, colaborando para as inter-relações. Aqui novamente ressaltamos a disponibilidade destes materiais para os educadores dos espaços formais e não formais, seguidos da fundamentação destes textos, da qualidade das reproduções e da dimensão destas imagens. Material necessário para complementar a mediação entre arte e público, tanto para uma pré-visita, quanto para uma pós-visita à exposição.

#### **Algumas conclusões:**

Aqui reafirmamos a importância das ações educativas dos espaços expositivos para a aproximação entre arte e público. Estando as ações comprometidas com as inter-relações. Ressaltamos que as ações descomprometidas podem somente afastar o público destes espaços.

Conseqüentemente as ações comprometidas são positivas, tornando o ensino das artes mais significativo e prazeroso nos espaços formais e não formais, sendo esse visitante o educando e/ou integrante destes espaços. Cumpre lembrar a importância das escolas, das ONGs para a formação de público dos espaços expositivos.

Da mesma forma, as visitas aos espaços dinamizam as aulas de artes visuais e ajudam a consolidar as redes de conhecimento. O contato com os originais proporcionam momentos únicos e geram experiências muito além das que ocorrem com as reproduções.

Desse modo, se faz necessário pensar na formação e profissionalização do mediador, educador, arte/educador que faz parte dos Programas Educativos, assim como, os dirigentes, os projetos, as pesquisas e metodologias destes programas.

Como Grossmann, que citamos inicialmente, almejamos que a frequência aos espaços expositivos seja uma “relação tão essencial” para todos, e que as ações dos programas educativos possam ser ampliadas para todos os espaços expositivos e não apenas estar presentes em algumas regiões do Brasil.

## Notas:

---

<sup>1</sup> Autora: Cristina M. Sousa Silva

<sup>2</sup> Autora: Maria Inês Peixoto

<sup>3</sup> Autora: Gabriela Wilder

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.unesco.org/pt/brasil/culture-in-brazil/access-to-culture-in-brazil/>>. Acesso em: 31 de mar. 2010.

<sup>5</sup> Mestranda: Teresinha Vilela

<sup>6</sup> Mestranda: Ana Cláudia Assunção

<sup>7</sup> Mestranda: Marluce Carvalho

## REFERÊNCIAS

AMBIENTES da Arte: a poética do tempo. **Prática e reflexões com educadores**. CCBB Educativo. Rio de Janeiro, nº 4, out. 2008 a jan. 2009.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A Imagem no Ensino da Arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 1996.

\_\_\_\_\_. (org.) **Ensino da arte**: memória e história. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_; COUTINHO, Rejane; SALES, Heloisa. **Artes Visuais**: da exposição à sala de aula. São Paulo, EDUSP, 2005.

BATISTA, Regina. Diálogos entre Arte e Público no Museu. In: **Diálogos entre Arte e Público**. Cadernos de textos. Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

BREDARIOLLI, Rita Luciana Berti. A Liberdade como Método: um projeto moderno em ação “pioneira” de ensino da arte no Museu de Arte de São Paulo. In: BARBOSA, Ana Mae (org.) **Ensino da arte**: memória e história. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O Amor pela Arte**: os museus de arte na Europa e seu público. São Paulo: EDUSP; Zouk, 2007.

CASANOVA, Françoise Julien. Comentários sobre mediação cultural. A prática de um modo-modelo e suas atualizações: as intervenções de tipo conversacional em presença direta. In: BARBOSA e COUTINHO (orgs.). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

---

COUTINHO, Rejane Galvão. Considerações sobre a cultura da pesquisa e a formação de educadores mediadores. **Anais do 19º Encontro Associação Nacional de Pesquisadores em Artes plásticas**. Cachoeira: BA, 2010.

FRANZ, Teresinha Sueli. **Mediação cultural**, artes visuais e educação. Congresso Ibero Americano de Educação Artística "Sentidos Transibéricos" - Maio de 2008 em Beja/Portugal.

GROSSMANN, Martin; MARIOTTI, Gilberto. **Museu arte hoje**. São Paulo: Hedra, 2011.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia da arte**. Trad. Maria Ângela Caselatto. São Paulo. Edusc, 2008.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (orgs.). **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. São Paulo: Ed Papirus, 2006.

JAMES, Philip. *Henry Moore on Sculpture*. New York: Da Capo Press, 1992, p.62. In: LEITURA de Imagem, Henry Moore. **Setor educativo Casa França Brasil**, 2005.

MORAIS, Frederico. A arte para pequeno e grande número. In: PEREIRA, Maria de Lourdes Mäder (org.). **A arte como processo na educação**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1982.

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação construção da obra de arte**. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.

WILDER, Gabriela Suzana. **Inclusão social e cultural: arte contemporânea e educação em museus**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

### **Teresinha Maria de Castro Vilela**

Mestranda em Artes Visuais na (UFPB/UFPE), com especialização em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela (UnB), graduada em Educação Artística com habilitação em História da Arte pela (UERJ). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino da arte em espaços não-formais/UFPB. Professora de Artes da Rede Municipal de Duque de Caxias-RJ. E-mail: [artecaxias@uol.com.br](mailto:artecaxias@uol.com.br).

### **Lívia Marques Carvalho**

Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Educação Artística, Habilitação em Artes Plásticas (UFPB). Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais da UFPB. Pesquisadora sobre ensino de arte em contextos formais e não-formais.